Ana Plácido

A "mulher fatal" de Camilo morreu há 115 anos em Famalicão

Na próxima segunda-feira, dia 20 de Setembro, ocorre o 115.º aniversário da morte de Ana Augusta Plácido, a "mulher fatal" de Camilo Castelo Branco. Nascida em 27 de Setembro de 1831, foi esposa de Manuel Pinheiro Alves, tendo entretanto estabelecido uma relação amorosa com o autor de "Amor de Perdição" – facto que a levou à cadeia da Relação do Porto. Julgada em Outubro de 1861, por adultério, viria a ser absolvida. Depois de ter enviuvado de Pinheiro Alves, casou com Camilo (em Março de 1888), de quem teve dois filhos. Os amores de Camilo com Ana Plácido têm merecido inúmeros estudos dos mais diversos especialistas na obra camiliana. Um dos livros que melhor e mais profundamente aborda esta questão é a obra "Camilo e Ana Plácido: episódios ignorados da célebre paixão romântica", da autoria de Manuel Tavares Teles, publicada em 2008 pelas Edições Caixotim. Para assinalar a data da morte de Ana Plácido, aqui evocamos essa obra, através das penas do doutor Adelto Gonçalves e de José Manuel Martins Ferreira.

Por

Adelto Gonçalves

(Doutor em Literatura Portuguesa)

A vida do romancista Camilo Castelo Branco (1825-1890) foi, com certeza, a que mais biógrafos atraiu na Literatura Portuguesa. Uma vida, se não rocambolesca, ao menos completamente devassada não apenas pela exposição pública a que se submeteu ao deixar-se levar pela paixão romântica por uma mulher casada, como pelo seu hábito de aproveitar detalhes da sua existência pessoal e daqueles com os quais conviveu como fonte de inspiração para os seus romances e poemas.

Mas, apesar do empenho de seus biógrafos, especialmente Sousa Costa (1879-1961), autor do ensaio *Camilo no drama da sua vida* (Barcelos, 1959), Alberto Pimentel (1849-1925), autor de *O romance do romancista: vida de Camilo Castello Branco* (1890), e Alexandre Cabral (1917-1996), autor do famoso *Dicionário de Camilo Castelo Branco* (1989), com quem dividi espaço muitas vezes nas mesas da primeira fila da Biblioteca Nacional de Lisboa em 1994, muitos fios ainda parecem soltos na tumultuada vida de Camilo. Um deles é o que se refere à paternidade de Manuel Augusto Plácido, primeiro filho de Ana Plácido, que, ao longo dos anos, foi tido por muitos biógrafos como concebido por Camilo, embora diante das leis e perante a sociedade fosse legalmente filho de Manuel Augusto Plácido, o marido de Ana.

Para defender essa tese, Manuel Tavares Teles escreveu *Camilo e Ana Plácido: episódios ignorados da célebre paixão romântica*, lançado pelas Edições Caixotim, do Porto, no qual procura convencer o leitor e a si mesmo de que as evidências indicam que o verdadeiro pai de Manuel Augusto seria António Ferreira Quiques – que, antes de Camilo, mantivera um relacionamento amoroso com Ana Plácido. Com isso, contraria o que escreveram Sousa Costa e Alexandre Cabral, entre outros. Por contestar Cabral, Tavares Teles parece até pedir desculpas, reconhecendo que o camilianista era um cidadão exemplar e encantador.

Embora conhecida, é preciso que se faça aqui um breve retrospecto da vida de Camilo. De uma família da aristocracia de província, o escritor ficou órfão de mãe quando tinha um ano de idade e de pai aos dez anos. Criado por uma tia e, depois, por uma irmã mais velha, casou, em 1841, quando tinha apenas 16 anos, mas este matrimónio pouco resistiu. De temperamento instável, Camilo teve outros relacionamentos tumultuosos, inclusive com uma freira.

De novo sem o compromisso do casamento, tentou o curso de Medicina no Porto, que não concluiu, optando depois por Direito. A partir de 1848, levou uma vida de *don juan*, repartindo o seu tempo entre os cafés e os salões burgueses, dedicando-se, porém, ao jornalismo. Foi por volta de 1858 que se apaixonou por Ana Plácido, mulher casada com o comerciante Manuel Pinheiro Alves, um "brasileiro" – ou seja, um português que retornara enriquecido do Brasil – que o inspirou como personagem em alguns dos seus romances e novelas, quase sempre em tom depreciativo.

Raptou Ana Plácido e viveram juntos, até que foram capturados pelas autoridades e, depois, julgados. Naquela época, o caso emocionou a opinião pública pelo conteúdo tipicamente romântico do "amor contrariado". Ana Plácido, inclusive, emergiu com ares de heroína porque, em nome da paixão, afastara uma confortável existência burguesa para viver uma vida de dificuldades e atropelos junto de Camilo.

Depois de absolvidos do crime de adultério, Camilo e Ana Plácido passaram a viver juntos. Ana Plácido levou para o casamento um filho, teoricamente do seu antigo marido, e ainda teve mais dois de Camilo. Quando o ex-marido de Ana Plácido morreu em 1863, o casal passou a viver na casa que pertencera a Pinheiro Alves, em São Miguel de Seide – Vila Nova de Famalicão. Com família numerosa para sustentar, Camilo passou a escrever a um ritmo alucinante, retirando o seu ganha-pão dos livros e dos artigos publicados em jornais, tornando-se o primeiro escritor da língua portuguesa a profissionalizar-se. Só em 9 de Março de 1888 se viria a casar, oficialmente, com Ana Plácido.

Camilo

Até aqui, todos os biógrafos davam Manuel Plácido como filho de Camilo, mas Tavares Teles mostra que não há evidências de que o romancista já tivesse algum relacionamento mais sério com Ana Plácido ao tempo da concepção de seu primeiro filho. Para o autor, há fortes razões para se suspeitar de que Pinheiro Alves fosse estéril – até porque Ana Plácido foi mãe quando já se haviam passado sete anos desde o seu casamento. Diz Tavares Teles que António Ferreira Quiques estava no Porto quando Ana Plácido engravidou, lembrando ainda que Camilo o denunciou como amante dela em carta posterior apenas 30 dias ao momento da concepção.

Tavares Teles recupera ainda um testemunho da época que dá Quiques como pai da criança, "reproduzindo, com toda certeza, a convicção generalizada na cidade, convicção que se terá formado ainda em 1857, decerto fundada em confidências de Quiques, pois apenas por este motivo, por a convicção se ter formado antes de Camilo ter aparecido em cena, se compreende que nunca este fosse considerado, como seria natural que tivesse sido, pai do filho da amante".

Mas não se pense que Quiques fosse desconhecido de Camilo. Teriam sido amigos do peito e de farras, a tal ponto que o escritor lhe dedicou o romance *Vingança*, publicado em Abril de 1858. Em favor de Ana Plácido, acrescente-se o ódio que ela sempre sentira pelo primeiro marido, o que está claro numa correspondência que deixou: "Sete anos resisti ao cancro devorador da sociedade, sete anos me conservei presa dum desejo mesmo de transgredir a lei de Deus, que me dava para marido o último dos homens que eu aceitaria de bom grado (...)".

Com base nessa confissão por escrito, obviamente, os biógrafos concluíram que Ana Plácido rendeu-se à transgressão em 1857, ano da concepção de Manuel Plácido. E, por extensão, chegaram à conclusão que o pai seria Camilo. Acontece, porém, diz o biógrafo, que Camilo nunca afirmou que Manuel Plácido era seu filho. E acrescenta: "Nunca pude aceitar que o carácter de Camilo lhe permitisse recusar a paternidade de um filho".

Autor de vários e fundamentados estudos sobre Camilo, Tavares Teles diz que as ideias que defende "foram familiares a gerações de leitores e são inéditas apenas pela comezinha razão de estes não escreverem, permanecendo os frutos das suas intuições ignorados e conservando a

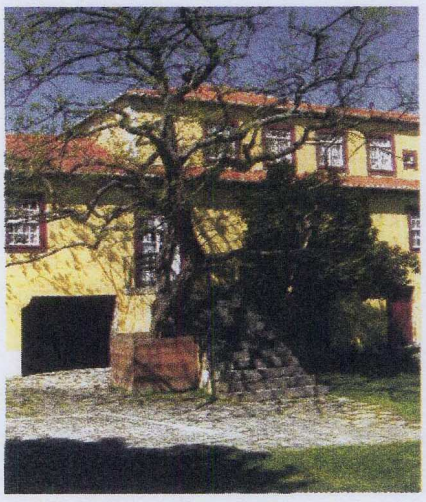
virtualidade de serem novamente intuídos por outros leitores, que continuaram a ler textos que mantiveram, década após década, os seus mistérios, que afinal não o seriam, pois apenas por facilidade de redacção assim se poderiam qualificar".
Outro episódio que Tavares Teles procura esclarecer é a respeito do baile em que Camilo conheceu Ana Plácido, garantindo que isso se deu a 13 de Fevereiro de 1849, num dia de Carnaval, em casa particular pertencente de uma amiga da mãe dela. Tinha ele 24 anos e Ana Plácido 17. Não se falaram, mas Camilo registou a passagem numa crónica de jornal. Só quase uma década mais tarde é que Ana Plácido viria a tornar-se o grande amor de sua vida...
Formada por cinco ensaios biográficos, esta obra procura contribuir para o esclarecimento de outros episódios da vida do romancista que, por diversas razões, se mantiveram no limbo ou foram mal interpretados. Entre essas razões, estiveram pressões de ordem social, inclusive pela alta burguesia do Porto da época.
Por isso, as revelações contidas neste livro tratam de mostrar até onde foi possível esconder uma verdade, ou "várias" verdades, que envolveram figuras de projecção nacional e o meio "culto" da época.
Na introdução que escreveu para este livro, Tavares Teles reconhece que, em razão do número de obras que descrevem e comentam a vida de Camilo e que foram publicadas nos últimos 115 anos, seria difícil que, neste começo de século XXI, ainda houvesse oportunidade para alguma descoberta factual, por insignificante que fosse. Mas não é assim que se dão as coisas porque, afinal, não é o número excessivo de textos impressos que consagra uma verdade, embora o nazista Joseph Goebells (1897-1945) soubesse muito bem por que dizia que "uma mentira repetida mil vezes torna-se verdade".
E são igualmente muitos os biógrafos, historiadores e jornalistas que continuam a ganhar dinheiro com a produção de livros rasteiros e apressados em que se limitam a repetir o que lêem em obras impressas, sem se dar ao trabalho de enfrentar o pó dos arquivos em busca de fontes originais. Ou seja, se um autor cometeu um equívoco no século XIX, por esse método continuaremos a ler (e a aceitar) o mesmo erro no século XXI. Sem contar que, em todos os tempos, nunca faltaram os investigadores por palpite, dos quais o *santo padroeiro* sempre foi Teófilo Braga (1843-1924), como muito bem aponta Tavares Teles.
Basta ver que foi necessário que este articulista, também biógrafo, fosse vasculhar os papéis do Arquivo Nacional da Torre do Tombo e do Arquivo Distrital de Setúbal para "descobrir" que a verdadeira casa onde nasceu o poeta Manuel Maria de Barbosa Du Bocage (1765-1805), em Setúbal, não fica à Rua de Edmond Bartissol, antiga Rua de São Domingos, como sempre se pensou, mas mais abaixo, no Largo de Santa Maria com a Rua António Joaquim Granjo, a antiga Rua das Canas Verdes... Portanto, quem se dedicar com afinco a revirar papéis em arquivos, fatalmente encontrará reparos a fazer nas biografias anteriores.
Até porque as histórias de vida do nossos poetas (e grandes personagens da História) sempre andaram mal contadas. O diabo é que o chamado público-leitor, por má formação educacional, está sempre disposto a comprar o livro de fácil digestão, com poucas páginas, sem muitas notas de rodapé, repleto de historietas engraçadas, mas sem comprovação documental – quando deveria começar pelo final para saber exactamente quais arquivos o autor frequentou.... E assim continua a "comer gato por lebre", como provam as listas dos livros por aí mais vendidos...

Camilo
Os Amores do Romancista
de
Maria Adelaide Valente

A largamente premiada escritora Maria Adelaide Valente também abordou os "amores" de Camilo, incluindo a relação amorosa deste com Ana Plácido, no livro "Camilo – Os Amores do Romancista", que editou em Braga (em 2005) em co-autoria com Newton Sabbá Guimarães, conhecido docente universitário brasileiro que tem dedicado parte da sua investigação à literatura portuguesa, mais concretamente à obra camiliana.

Camilo e Ana Plácido
Episódios ignorados da célebre paixão romântica

Este livro, de uma assentada, traz-nos as seguintes novidades: 1) esclarece um facto que nunca fora completamente compreendido (o célebre baile que terá constituído o *big bang* da relação Camilo-Ana Plácido); 2) apresenta-nos um apaixonado de Ana Plácido que era até agora desconhecido como tal, apesar de ser uma figura principal da sociedade portuguesa da segunda metade do século XIX; 3) explica-nos como, quando e onde terá decorrido a conquista de Ana por Camilo; 4) apresenta-nos um episódio de grande significado sentimental nos primórdios da relação entre Ana e Camilo, que nunca foi referido por outros autores; 5) analisa de forma esclarecida a questão da paternidade do primeiro filho de Ana Plácido, apontando um conjunto de erros que subsistiam até esta data. São estes também os cinco capítulos do livro, sobre os quais nos debruçaremos.
Para novidades, num universo tão repleto de títulos, convenhamos que não é pouco. Mesmo quando nos fala sobre assuntos e personagens mais ou menos conhecidos, o autor fá-lo de forma a enriquecer a visão de que já dispúnhamos. Ficamos pela primeira vez a conhecer pormenores sobre o aspecto físico de António Ferreira Quiques e sobre a sua vida pelo Brasil, incluindo a data e o local em que terá morrido. Ficamos também a conhecer melhor algumas personagens cuja vida daria por si só um interessante livro, como é o caso de Henriqueta Azuil, ou mesmo de personagens mais familiares do público camiliano, como é o caso das irmãs de Ana Plácido.
E como é possível que haja ainda tanto para conhecer, relativamente a vidas que já foram escrutinadas por tantos e tão qualificados biógrafos? Sem me querer alongar nesse assunto, que é apenas acessório, posso dizer que o passar dos anos vai permitindo a descoberta de novos dados, seja através da consulta de fontes primárias, nos registos civis e religiosos, pela descoberta e publicação de correspondência que levanta o véu sobre a natureza dos actores principais e secundários, ou mesmo e tão-somente através de uma leitura mais exaustiva dos jornais da época.



Aspecto da Casa de Camilo em Seide (V. N. Famalicão)

A forma como Manuel Tavares Teles comunica com o leitor é uma das principais qualidades da sua prosa e revela-se desde cedo, como se vê quando comenta o tratamento que alguns autores bem conhecidos deram ao célebre baile em que Camilo e Ana Plácido terão trocado os olhares que ditaram o essencial das suas vidas. Depois de tantos biógrafos terem tergiversado sobre este assunto, o baile é por fim identificado de forma definitiva e passa a saber-se onde e quando teve lugar. Foi na rua da Conceição [Porto], mais precisamente a 13 de Fevereiro de 1849.
O capítulo quinto cumpre aquilo que o Manuel Tavares Teles poderá ter considerado uma dolorosa tarefa a que este livro não poderia escapar – apontar os inexplicáveis erros em que abunda a análise da correspondência epistolar entre Camilo e José Barbosa e Silva, feita por um dos mais competentes biógrafos de Camilo e também um dos mais próximos do nosso tempo: Alexandre Cabral. Autor do importante "Dicionário de Camilo Castelo Branco", uma volumosa obra que é ferramenta de consulta imprescindível a todos os interessados no universo camiliano, Alexandre Cabral publicou diversos livros sobre a vida e a obra de Camilo, entre os quais avulta a "Correspondência de Camilo Castelo Branco", que se estende por meia dúzia de volumes. Por extraordinário que pareça, existe na correspondência trocada com José Barbosa e Silva e também em alguma da trocada com Faustino Xavier de Novais, informação mais do que suficiente para permitir a qualquer leigo atento compreender alguns aspectos fundamentais da vida de Camilo e Ana Plácido neste período, incluindo a paternidade do primeiro filho de Ana e o ano em que a paixão entre ela e Camilo se consumou. Ao lermos as obras de Alexandre Cabral, incluindo "A Via Dolorosa", onde publicou os telegramas trocados entre Ana e Camilo, após a separação dos amantes, já com o escândalo bem conhecido do público, e até ao ingresso de Camilo na Cadeia da Relação do Porto, quase se poderia supor que o autor estaria a disfarçar aquilo que alguns pormenores dessa correspondência tornam óbvio. Esses erros mantiveram-se, no entanto, durante mais de 20 anos, sem que nenhum autor camiliano tenha vindo a terreiro apontá-los.
O autor de "Camilo e Ana Plácido – Episódios ignorados da célebre paixão romântica" cumpriu essa tarefa, penso que com algum desconforto, dada a consideração que lhe conheço pela pessoa e pela obra de Alexandre Cabral. Fê-lo também em termos absolutamente convincentes, de forma metódica e rigorosa, enriquecida por explicações circunstanciadas de eventos e personagens que abalaram a moral e os bons costumes da sociedade portuguesa na segunda metade do século XIX e que têm continuado semi-desconhecidos até aos nossos dias.

J. M. M. F.